



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
solenidade em comemoração aos 10 anos do jornal Valor Econômico
São Paulo-SP, 03 de maio de 2010**

Amigo e deputado federal, presidente da Câmara, Michel Temer,
Companheiros ministros que me acompanham nesta festa do jornal
Valor, Antônio Patriota, das Relações Exteriores; Guido Mantega, da Fazenda;
Carlos Gabas, da Previdência Social; Miguel Jorge, do Desenvolvimento,
Indústria e Comércio Exterior; Márcio Zimmermann, de Minas e Energia;
Orlando Silva, do Esporte; Henrique Meirelles, do Banco Central; Franklin
Martins, da Secretaria de Comunicação Social,

Meu caro amigo Sérgio Cabral, governador do estado do Rio de Janeiro,
Senador Romeu Tuma,
Senhores parlamentares federais,
Minha cara amiga Dilma Rousseff,
Meu caro Nicolino Spina, diretor-presidente do jornal Valor Econômico,
em nome de quem cumprimento todos os funcionários do Jornal,
Meu caro Luiz Frias, presidente do Grupo Folha,
Meu caro João Roberto Marinho, vice-presidente das Organizações
Globo,

Senhora Vera Brandimarte, diretora de Redação do jornal Valor,
Amigos e amigas,

Minhas amigas e meus amigos,

Em primeiro lugar, quero cumprimentar toda a equipe do jornal Valor
Econômico e dizer que vocês estão de parabéns. Vocês construíram em
apenas 10 anos um veículo de informação que se tornou referência obrigatória
de leitura para todos os que se interessam pelo desenvolvimento brasileiro.



Os veteranos do jornalismo econômico talvez tenham a lembrança de algum outro momento de convergência tão favorável de indicadores e perspectivas, mas dificilmente terão na memória um outro ciclo de desenvolvimento mais equilibrado do que o atual. Distingue-se a dinâmica econômica do Brasil, hoje, por uma convergência virtuosa de fatores, entre os quais a democracia, o crescimento e a justiça social, que formam um curso único que se autoalimenta e se corrige.

O fato é que enquanto as nações mais ricas se debatem entre o desemprego e o desequilíbrio fiscal, ameaçadas por um labirinto financeiro ainda não equacionado, a economia brasileira – após breve interregno – voltou a crescer de forma robusta, como não acontecia há 20 anos.

Minhas amigas e meus amigos,

Em março, o setor industrial puxou o consumo brasileiro de energia elétrica, com alta de 12% em relação a igual período de 2009. O Brasil está crescendo forte e vai crescer ainda mais. Precisa e precisará cada vez mais de energia limpa, barata e segura. Razão pela qual nós temos a responsabilidade de fazer Belo Monte, como faremos com todas as cautelas ambientais desejáveis, necessárias e legítimas.

Nossa agricultura se prepara para colher uma safra recorde de 145 milhões de toneladas, com crescimento de 8,5% sob 2009. Quero lembrar que somos a terceira agricultura mais produtiva do Planeta e o terceiro maior exportador de alimentos do mundo. Há dez anos, estávamos em 10º lugar. Em 2008, passamos o Canadá, antes já havíamos passado, já havíamos suplantado a China e a Austrália.

A confiança do consumidor brasileiro, medida pela Fundação Getúlio Vargas, retornou ao patamar mais elevado desde o recorde de março de 2008. O desemprego nas regiões metropolitanas brasileiras é o menor dos últimos 12 anos. A indústria paulista registrou uma taxa recorde de expansão no primeiro trimestre, com um salto de 18,2%, o maior avanço desde 2001. No mês de



abril, nossas exportações somaram US\$ 11,25 bilhões até o dia 25, com um crescimento de 19,3% em relação à média diária de embarque do mesmo mês no ano passado.

A expansão de 58,4% das importações no período decorrem, em boa parte, das aquisições de máquinas e equipamentos para atender à expansão da demanda interna. Repito: não se trata de mera propaganda. Todas essas informações foram coletadas do noticiário econômico, nas últimas semanas.

Minhas amigas e meus amigos,

O fato incontornável é que o Brasil criou, nos últimos anos, um poderoso mercado de massa, que reúne 46% da renda nacional em um universo equivalente à soma das populações da França e da Espanha. Enquanto outras economias regrediram ou estagnaram, sob o impacto da crise, a demanda popular sustentou o dinamismo do nosso país com um crescimento de vendas de 6% ao ano. Há quem enxergue nisso um defeito da retomada da economia brasileira. Nós preferimos ver aí a vitória de uma sociedade que se tornou menos desigual nos últimos anos, diferentemente do que ocorreu nas últimas décadas. Sobretudo, porém, é preciso rejeitar, de uma vez por todas, o maniqueísmo, que enxerga no fortalecimento do mercado interno um antagonismo inconciliável com o esforço exportador.

Em 2002, o Brasil exportava US\$ 60 bilhões por ano. Em 2009, nossos embarques somaram US\$ 150 bilhões. A corrente do comércio exterior saltou de US\$ 107 bilhões para US\$ 280 bilhões neste mesmo período. A opção deste governo pela diversificação dos parceiros comerciais, bem como a aposta no fortalecimento do comércio regional com o Mercosul revelou o seu acerto nas provas cruciais da crise mais dramática vivida pela economia nos últimos 80 anos. Quem atrelou o seu mercado e o seu parque industrial ao livre comércio com os Estados Unidos, como se defendia aqui nos anos 90, sucumbiu dramaticamente sob o peso da contração comercial norte-americana.



O Brasil, no entanto, não descuidou das trocas com os parceiros tradicionais. Não subtraímos, apenas ampliamos estrategicamente o leque das relações comerciais, como nunca se fez antes na história da diplomacia e do comércio brasileiro. Nosso fluxo comercial com os Estados Unidos duplicou em seis anos, as exportações brasileiras para o mercado norte-americano cresceram mais do que a expansão alcançada por economias que têm acordos de livre comércio com aquele país.

Ao mesmo tempo, porém, o comércio com a África passou de US\$ 6 bilhões para US\$ 17 bilhões anuais. No Mercosul, saltamos de US\$ 11 bilhões em 2003 para US\$ 29 bilhões agora.

O que esses dados mostram é que a ênfase Sul-Sul e o comércio regional não cabem mais no espaço pequeno do preconceito ideológico nem podem ser tratados superficialmente em uma gincana de retórica eleitoral. A participação dos países em desenvolvimento em nossas exportações cresceu de 42% para mais de 54% em números brutos. Esses números não são números frios. Estamos falando de receitas, empregos, em incentivos ao investimento.

Qualquer analista razoavelmente isento admite que a crise consolidou uma nova geografia comercial, pioneiramente desbravada pelo Brasil desde 2003. A explosão da bolha financeira em 2008 acelerou o deslocamento das peças de xadrez no tabuleiro do comércio internacional. O padrão no qual os Estados Unidos eram os importadores de última instância, sustentando as exportações globais, esgotou-se. Portanto, o dinamismo brasileiro terá que se apoiar a partir de agora, cada vez mais, na impressionante vitalidade do nosso mercado interno e na promissora avenida aberta pela diversificação das nossas parcerias internacionais.

Minhas amigas e meus amigos,

O debate eleitoral que se aproxima deveria ser entendido como oportunidade ímpar para se pensar com grandeza a transição de uma



economia emergente para a condição de potência global que o mundo reconhece como sendo um triunfo conquistado pelo Brasil nos últimos anos.

Creio que o legado de conquistas desse período assegura ao país e aos brasileiros a necessária capacidade de discernimento e autoestima para superar os desafios dessa travessia. Sem dúvida, porém, a mediação de uma imprensa isenta e democrática, a exemplo do jornalismo praticado pelo Valor Econômico, pode contribuir de forma inestimável para que esse espírito, ao mesmo tempo crítico e comprometido com a verdade, predomine no debate eleitoral. O Brasil e todas as brasileiras e brasileiros só terão a ganhar com isso.

Muito obrigado.

(\$211A)